



## DA COMUNIDADE QUILOMBOLA PARA A ESCOLA: O LINDÔ NA SALA DE AULA

Jane Guimarães Sousa\*

Wallace Rodrigues\*\*

Karylleila dos Santos Andrade\*\*\*

“A educação é um processo social, é desenvolvimento.  
Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”  
(John Dewey)

### RESUMO

Este artigo nasceu a partir das discussões na disciplina de “Tópicos I: Ensino e Valorização da Diversidade”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT) e tem por objetivo discutir e refletir a importância das cantigas de Lindô como fator contribuinte para a valorização cultural do Quilombo Cocalinho. Os resultados mostram que se o Lindô for levado para a sala de aula contribuirá de forma efetiva para valorização cultural, fortalecimento da identidade do sujeito, da autoestima e pode contribuir para o processo de leitura, interpretação e análise linguística nas aulas de língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Ensino; Lindô; Quilombo Cocalinho.

### FROM AN AFRO BRAZILIAN COMMUNITY INTO THE SCHOOL: THE LINDÔ IN THE CLASSROOM

### ABSTRACT

This article was born from our discussions at the disciplina "Topics I: Teaching and Valuing Diversity", of the Postgraduate Program in Teaching Language and Literature (PPGL-UFT) and it aims to discuss and to reflect on the importance of Lindô's songs as a contributing factor for the cultural value of Quilombo Cocalinho. The results show that if Lindô is taken into the classroom it will contribute effectively to cultural appreciation, strengthening of the subject's identity, to improve self-esteem and it can contribute to the process of reading, interpretation and linguistic analysis in Portuguese language classes.

**Keywords:** Teaching; Lindô; Quilombo Cocalinho.

---

\* Graduação em Letras, doutoranda/aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). jainegs@yahoo.com.br

\*\* Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). walace@uft.edu.br

\*\*\* Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFT). Karylleila@uft.edu.br

## **DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA PARA LA ESCUELA: EL LINDÔ EN LA CLASE ESCOLAR**

### **RESUMEN**

Este artículo nació a partir de las discusiones en la disciplina de "Temas I: Enseñanza y Valorización de la Diversidad", del Programa de Postgrado en Enseñanza de Lengua y Literatura (PPGL-UFT) y tiene por objetivo discutir y pensar sobre la importancia de las cantigas Lindô como factor contribuyente para la valorización cultural del Quilombo Cocalinho. Los resultados muestran que el Lindô se puede llevar a las clases escolares para contribuir eficazmente con el desarrollo cultural, el fortalecimiento de la identidad del sujeto, la autoestima y puede contribuir con el proceso de lectura, interpretación y análisis lingüístico en las clases de lengua portuguesa.

**Palabras clave:** Enseñanza; Lindo; Quilombo Cocalinho.

### **INTRODUÇÃO**

Este escrito parte da utilização de bibliografia e das discussões na disciplina “Tópicos I: Ensino e Valorização da Diversidade”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína.

Vale informar que esse artigo trata de uma dança de roda que se utiliza de cantos próprios, chamada Lindô, em uma comunidade de remanescentes de quilombos (CRQ) da região norte do estado do Tocantins. Tal comunidade é conhecida na região como Quilombo Cocalinho<sup>1</sup>.

Acreditamos que as cantigas e dança de Lindô constituem partes integrantes do patrimônio identitário e cultural do Quilombo Cocalinho. A dança apresenta particularidades por meio das cores das vestimentas, das pisadas fortes e das funções exercidas pelo homem e pela mulher no momento da dança de roda. Já as cantigas versam sobre temáticas relacionadas à vida cotidiana no campo (relacionadas aos muitos elementos da natureza local). O quilombo Cocalinho está localizado no estado do Tocantins, no município de Santa Fé, e “se caracteriza como quilombo contemporâneo”. (OLIVEIRA, 2015, p. 2).

Para o desenvolvimento deste trabalho, nos apropriaremos dos fundamentos de Sousa (2005), Hall (1997, 2009), Rodrigues (2017), Nascimento (2009), da Lei 10.639/03, dentre outros autores e documentos.

Partindo das discussões dos autores e documentos apresentados, pretendemos discutir e refletir acerca da importância da valorização cultural de Cocalinho, por meio do

---

<sup>1</sup> Vide <http://quilombococalinho.blogspot.com.br/>

trabalho com o Lindô nas aulas de Língua Portuguesa. Partindo dessa premissa, acreditamos que se o Lindô, enquanto patrimônio cultural, for levado para a sala de aula, como instrumento de ensino da cultura local, cumprirá com as demandas educativas regidas pelas leis 10.639 e, além disso, contribuirá para o registro, regaste e valorização da memória local, que de acordo com Nascimento (2009, p. 1) “tem grande relevância para as comunidades negras rurais<sup>2</sup>”.

## **QUILOMBO COCALINHO**

Antes de apresentar o Quilombo Cocalinho faz-se necessário falar, brevemente, sobre o conceito de quilombo, palavra de origem nos termos "kilombo" (kimbundo) ou "ochilombo" (umbundo), que se faz presente também em outras línguas faladas ainda hoje por diversos povos africanos bantos (ANDRADE et. al, 2010, p. 94). É uma expressão que “vem sendo sistematicamente usada desde o período colonial” (LEITE, 2000, p. 336).

Andrade et.al. (2010, p. 94) afirmam que quilombo “com o tempo, passou a designar também as paragens e acampamentos das caravanas que faziam o comércio de cera, escravo e outros itens cobiçados pelos colonizadores”. Os autores ainda pontuam que “foi no Brasil que o termo "quilombo" ganhou o sentido de comunidades autônomas de escravos fugitivos” (Idem).

O quilombo brasileiro é, sem dúvida, a cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos” (MUNANGA, 1995 apud LEITE, 2000, p. 336).

Atualmente, essa terminologia vem ganhando destaque por sua ressignificação, pois o resgate do termo “quilombo” como um conceito socioantropológico, não exclusivamente histórico, proporciona o aparecimento de novos atores sociais, ampliando e renovando os modos de ver e viver a identidade negra; ao mesmo tempo, permite o diálogo com outras etnicidades e lutas sociais, como a dos diversos povos indígenas no Brasil (LEITE, 2000, p. 348).

O ato de aquilombar-se, ou seja, de organizar-se contra qualquer atitude ou sistema opressivo passa a ser, portanto, nos dias atuais, a chama reacesa para, na condição contemporânea, dar sentido, estimular, fortalecer a luta contra a discriminação e seus efeitos. Vem, agora, iluminar uma parte do passado, aquele que salta aos olhos pela enfática referência contida nas

---

<sup>2</sup> Não discutiremos aqui essa terminologia, mas cabe destacar que o termo quilombo se ressemantizou.

estatísticas onde os negros são a maioria dos socialmente excluídos. Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma parte da cidadania negada. (LEITE, 2000, p. 351)

O Quilombo Cocalinho se caracteriza como quilombo contemporâneo e valoriza seus aspectos organizacionais, sociais e culturais ancestrais e atuais. A sua contemporaneidade é decorrente dos aspectos culturais tradicionais que revelam um conjunto de fatores, cuja característica pode defini-lo como representante de uma tradição quilombola ainda existente no presente (OLIVEIRA, 2015, p. 2). O Cocalinho foi reconhecido enquanto legítima comunidade de pela Fundação Palmares em 2006 e conta, atualmente, com cerca de 240 habitantes.

Oliveira (2015, p.02) aponta que “os primeiros ocupantes da região chegaram por volta das décadas de 1940 e 1950, oriundos, em sua maioria, do Estado do Maranhão em busca de terras, atraídos pelas longas faixas de floresta que existiam na região do antigo norte goiano”. Ainda sobre o Cocalinho, é notório dizer que analisar a história dessa comunidade, sua cultura, tradição e sociabilidade, bem como observar atitudes e ações em seus pormenores:

[...] auxilia na compreensão de um lugar definido pela luta/resistência, pela relação que a comunidade estabelece com o espaço, expressado por uma subjetividade. Um lugar no qual se apresenta o que é experienciado e que tem e faz sentido para a comunidade, pois nele não prevalecem as regras inscritas por uma conduta exterior e pouco útil para a vida, mas um lugar inscrito no corpo, nos gestos, na fala e cuja característica aparece nas interações entre o sujeito que nele e dele vive (OLIVEIRA, 2015, p. 08)

Ainda, discutir a importância de se levar elementos culturais da comunidade quilombola para a sala de aula, com o intuito de contribuir para a valorização dos aspectos culturais da referida comunidade no âmbito escolar, pode ser o ponto de partida para a efetividade de uma prática pedagógica diferenciada, holística e interdisciplinar. Tal prática parte de elementos culturais reais e que se fortalecem na prática e na vida das pessoas.

## **CULTURA NA ESCOLA: O LINDÔ NA SALA DE AULA**

Sabemos que a escola é um lugar de interação social, de representação, aceitação, respeito e de pluralidade cultural “é [...] acima de tudo espaço de confrontos e debate e ideias” (SOUSA, 2005, p. 108). Espaço que “tem grande relevância na formação do pensamento de crianças e jovens” (NASCIMENTO, 2009, p. 1).

É sem dúvidas o lugar “onde se aprende a convivência respeitosa com as diferenças.

Pois essa nova postura rompe com a visão de neutralidade da escola” (NASCIMENTO, 2009, p. 1). É através dela que os educadores fortalecem a valorização cultural de seus alunos, tornando-os sujeitos críticos e reflexivos que veem a própria cultura como centro e com orgulho. Para José Carlos Quilombola (2017), representante da comunidade quilombola de Cocalinho:

A Comunidade Cocalinho manifesta sua cultura através do LINDÔ. O Lindô é uma dança que trás todo um contexto na sua forma de se apresentar, esta dança dispensa todo e qualquer tipo de instrumento musical, onde o seu forte é a batida forte dos pés no chão que demonstram uma forma de resistência pelo território que é considerado sagrado para os negros quilombolas, as sátiras nas letras das cantigas demonstram que mesmo em tempos difíceis sempre teremos força pra se divertir e a forma dançada em círculo, onde todos tem contato com todos demonstram que todos somos iguais, a força da religiosidade e a união deste povo bravo e valente na defesa dos seus. (QUILOMBOLA, 2017, s/p)

Pensando nessas questões, direcionamos os olhares para a escola Emanuel, do Quilombo Cocalinho, para refletirmos sobre a importância de se levar as cantigas de Lindô para dentro da sala de aula.

Vale ressaltar que compreendemos o Lindô dentro da “teia de significados” identitários, para utilizar a expressão de Clifford Geertz (2008), organizada dentro da sociedade quilombola Cocalinho. O Lindô auxilia no fortalecimento dessa teia enquanto um dos elementos do sistema de símbolos identitários que caracterizam tal comunidade. É, portanto, através dessa teia que os habitantes do Quilombo Cocalinho tecem suas interações sociais.

Cumpramos destacar que não é nossa intenção apresentar propostas didáticas de como trabalhar com esse elemento cultural, mas apenas colocá-lo como tema relevante para as reflexões voltadas para o ensino.

O Lindô é uma manifestação cultural pouco estudada, tanto na academia quanto na escola do quilombo Cocalinho. Diante disso, há a necessidade de se valorizar esse elemento cultural no âmbito escolar por meio de uma proposta pedagógica calcada na própria Educação Quilombola.

Para isso, é necessário pautar-se na lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da Cultura Afro-Brasileira na escola, através dos seguintes conteúdos: “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003, Art. 26-A).

Assim, o Lindô levado para a sala de aula contribuirá de forma efetiva para o cumprimento da lei em questão, pois, além de ser parte integrante da cultura negra brasileira, também possui aspectos da cultura africana, pois: “o ritmo e os sons do Lindô lembram os sons da cultura africana. Os africanos originários de várias regiões com sólida tradição musical possuíam amplo domínio dos tambores. A presença do tambor na Dança do Lindô é forte e contribui na marcação dos passos durante o bailado”. (FILHO et al, 2011)

Nesse sentido, Stuart Hall nos diz que:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. (HALL, 2009, p. 1)

Ter o Lindô como um instrumento a mais na prática pedagógica de Cocalinho vai além da busca pela valorização cultural, mas no fortalecimento da significação social, da representação grupal, da identidade cultural. Nesse sentido, o ensino do Lindô na escola beneficiará a prática pedagógica docente e contribuirá para o processo de representação (cf. RODRIGUES: “constitui tudo que nos rodeia em um contínuo e vivo mecanismo de criação de significações”) e de forma positiva para o processo de construção da identidade do sujeito aluno quilombola. Identidade essa que trata “do indivíduo como um ser social, como sujeito inserido em um contexto de relações e, que, como tal, influenciará e é influenciado por ela” (SOUSA, 2005, p. 114).

Quando a escola quilombola propaga em seu pilar educacional o fortalecimento da identidade do sujeito e, principalmente, da identidade cultural, ela contribui para a elevação da autoestima de seu aluno diante da sua história de vida, suas raízes, sua religião e seu patrimônio cultural. A autoestima se torna importante porque “reflete, portanto, a consciência do sujeito sobre a sua própria identidade” (Idem, p. 117).

Para Oliveira e Silva (2011, p. 3) trabalhar a pluralidade cultural (ou multiculturalismo) no contexto escolar é rever todas as práticas educacionais e atitudes, é oferecer aos alunos oportunidades para que possam buscar as origens de sua identidade, valorizando as culturas e promovendo a autoestima.

A Escola Emanuel, escola do referido quilombo, carrega consigo uma gama cultural muito grande, pois além de levar aos seus alunos saberes advindos de várias áreas do saber,

pertence a uma cultura própria que é a do Quilombo Cocalinho. Diante desse cenário, faz-se necessário refletir sobre a pluralidade cultural que existe dentro da própria comunidade de Cocalinho.

Com isso, apresentamos o Lindô como ponto de partida para tais discussões dentro do ambiente escolar. Sendo assim, a partir daí, os professores da disciplina de língua portuguesa, por exemplo, poderão se apropriar das cantigas de Lindô como suporte a mais para leitura, produção e análise de textos. E, com isso, dar mais visibilidade aos aspectos da cultura local.

Sobre o ensino de língua portuguesa e o multiculturalismo na escola, Barcellos (2005) afirma que:

Apesar de o Brasil possuir uma língua padrão, a Língua Portuguesa, sabemos que devido a toda questão histórica ela sofre grandes variações de região para região e até mesmo de um Estado para outro dentro de uma mesma região. Então, dessa forma, a perspectiva do Multiculturalismo torna o ensino da Língua Portuguesa algo mais delicado do que já é pelo fato de ser muito complexa (BARCELLOS, 2018, s/p)

Enfim, é imprescindível que o professor mostre ao aluno que a língua portuguesa não é homogênea. Ou seja, é preciso que o professor desenvolva um trabalho enfatizando as diversidades existentes na língua. E ressalte que não há nenhuma variedade melhor ou mais correta do que outra (cf. BARCELLOS, 2005, s/p). Partindo disso, o Lindô se coloca como instrumento de análise que pode contribuir para valorizar tanto a cultura de Cocalinho como as variações linguísticas presentes nas cantigas, vejamos algumas cantigas:

#### Cantiga 1

Ô **nega** malvada **tu matou** meu gavião,  
ô **nega** malvada **tu matou** meu gavião,  
foi tu **nega**, não foi eu, não foi eu não,  
foi tu **nega** que matou meu gavião.

#### Cantiga 2

Eu vou no **gai** por debaixo da raiz,  
eu vou no **gai** por debaixo da raiz,  
vai num **gai** que eu vou no **outo** por debaixo da raiz.

#### Cantiga 3

Casa de palha queima, queima, mas não queima  
Se queimar eu **boto** telha, queima, mas não queima

#### Cantiga 4

Olha o gato do mato, **pegô** e **segurô**,  
se não quiser dá no gato, segura **qui** eu **dô**

Podemos observar nas cantigas acima palavras como “nega, gai, pegô, segurô” em vez de “negra, galho, pegou, segurou”; Além do uso do “tu” seguido de o verbo matar no tempo passado “tu matou” em vez de tu mataste<sup>3</sup>.

Notamos, também, que nas quatro cantigas há sempre dois sujeitos, sendo possível compreender que há um pequeno diálogo entre duas pessoas que vivem no campo<sup>4</sup>.

A partir das observações das letras das cantigas, o professor de língua portuguesa poderá trabalhar aspectos relacionados à leitura, compreensão e interpretação das cantigas e seus implícitos. Por exemplo, notamos que todas as cantigas mostram elementos naturais, algo que pode ser muito próximo à vida dos alunos quilombolas da comunidade. A partir desses elementos conhecidos pelos estudantes podem surgir sugestões de atividades em outras áreas, como a biologia, por exemplo.

Para Evanildo Bechara (apud Barcellos, 2005, s/p), “o falante deve ser poliglota em sua própria língua”, reconhecendo e lidando com várias formas de falar seu próprio idioma. Barcellos (2005, s/p) afirma que para tornar nosso ensino eficiente e eficaz, devemos estar atentos às necessidades dos nossos alunos, trabalhando de forma a elevar a autoestima, fazendo-os perceber e compreender que não há culturas melhores e nem piores e sim diferentes e que devemos, em primeiro lugar, respeitá-las e, sempre que possível, estarmos trabalhando os significados para nos fazer compreendidos.

Com isso, o aluno quilombola terá a oportunidade de aprender mais sobre a sua cultura, compreender as letras das cantigas que são entoadas na comunidade, respeitará e valorizará todos os aspectos linguísticos e socioculturais do Lindô. Pois, conforme o PCNLP (1997, p. 30), a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Ao compreender o porquê dos “desvios da língua” nas cantigas será possível também combater o preconceito linguístico existente dentro da própria comunidade.

Ao abordar os aspectos linguísticos e culturais do Lindô na escola, o professor contribuirá para a exploração da pluralidade cultural, um dos temas transversais do PCN e que tem como finalidade “[...] capacitar o aluno a compreender, respeitar e valorizar a diversidade sociocultural e a convivência solidária em uma sociedade democrática” (BRASIL, 1997, p. 47).

---

<sup>3</sup> Quando apresentamos o termo “ao invés de” para explicar os desvios das palavras apresentadas nas cantigas estamos tomando como ponto de discussão a gramática normativa.

<sup>4</sup> Essa afirmação ocorre devido aos elementos lexicais presentes nas cantigas, como: gavião, raiz, casa de palha, gato do mato, dentre outros aspectos evidentes nas letras das cantigas.



O tema Pluralidade Cultural oferece aos alunos oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiros e como participantes de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar, possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar – e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas. (BRASIL, 1997, p. 47)

Rodrigues (2017, p. 689) afirma que “nossos rostos marcam nossas identidades, apresentando-nos ao mundo; eles estampam nossos documentos de identificação, chegando, portanto, antes de nós mesmos”. No caso dos quilombolas de Cocalinho, podemos dizer que o Lindô é a representação cultural mais forte da identidade dessa comunidade, e é por meio dessas cantigas/dança que a comunidade se apresenta para os outros. E como o Lindô é o elemento cultural escolhido pela própria comunidade para se apresentar, verificamos ser ele um elemento muito importante para a identidade do Quilombo Cocalinho. Nesse sentido, o Lindô contribui para fortalecer a identidade desses sujeitos dentro e fora do quilombo.

“A preservação de seus valores, práticas religiosas, técnicas e outras expressões culturais, foram herdadas dos antepassados através da tradição oral” (NASCIMENTO, 2009, p. 1) e por isso não devem ser excluídas da realidade escolar, principalmente porque “todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado” (HALL, 1997, p. 1).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esperamos que nossa reflexão acerca da importância do ensino do Lindô na escola da comunidade de Cocalinho possa contribuir para dar voz e visibilidade às cantigas em outras esferas sociais e fortaleça a política de valorização da manifestação da cultura oralizada de Cocalinho. Nosso exemplo foi por meio da utilização das cantigas no ensino de língua portuguesa e através do uso dos temas transversais.

Com base no que foi discutido ao longo desse trabalho, percebe-se que o Lindô pode e deve ser usado em sala de aula e que, se pensado no contexto do ensino de língua portuguesa, há a possibilidade de se trabalhar com leitura, compreensão, interpretação e análise linguística.

Pensar sobre a utilização de tais cantigas no âmbito escolar pode nos levar a várias possibilidades pedagógicas para seus usos. Ainda, sabemos que não há neutralidade nas

práticas de ensino-aprendizagem e que tais práticas, no caso da escola do Quilombo Cocalinho, devem priorizar os elementos culturais locais.

Barcellos (2005, s/p) pontua que temas assim devem ser mais discutidos nas escolas, pois devido a própria proposta educacional do país, apresentada através dos PCN's, que visam o intercambio de culturas, devemos desenvolver, enquanto professores, nosso trabalho de modo a instrumentalizar nossos alunos para viverem e conviverem em sociedade, respeitando e valorizando as diferenças.

Devemos lembrar que a desigualdade e o preconceito sempre se reatualizam no Brasil. E tudo, no final, torna-se desigualdade que as elites buscam naturalizar. Nesse sentido, elevar as formas culturais de resistência dos quilombolas a temas de estudo nas escolas pode ser um caminho para a valorização do próprio negro brasileiro.

Sendo assim, esperamos que este trabalho contribua para a ampliação de discussões e pesquisas relacionadas à educação escolar quilombola de Cocalinho, bem como, para a valorização do Lindô, tema pouco estudado na esfera acadêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Fernanda da Silva. O multiculturalismo e o ensino de língua portuguesa. IN: **Anais** do VIII Fórum de Estudos Linguísticos. Língua Portuguesa e Identidade: Marcas Culturais Instituto de Letras (Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa), UERJ, Rio de Janeiro, 16, 17 e 18 de novembro de 2005. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/33.htm> >. Acesso em: 15/01/2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental - Os Temas Transversais**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Com redação atualizada pela Lei nº 11.645, de 2008.

FILHO, Júlio Oliveira Lima; CARDOSO, Letícia Conceição Martins; PACHECO, Lúcia Maria. Dança do Lindô: Uma tradição transmitida do leste para o sul do Maranhão. IN: **Anais** do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Maceió – AL – 15 a 17 de junho 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth (org.). **Media and Cultural Regulation**. England, 1997. Tradução publicada em Educação & Realidade. Porto Alegre, v.22, nº2, p. 15-46, jul/dez 1997. Disponível em: < [http://www.gpef.fe.ups.br/teses/agenda\\_2011\\_02.pdf](http://www.gpef.fe.ups.br/teses/agenda_2011_02.pdf) >. Acesso em: 17/01/2018.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, p. 333-354.

OLIVEIRA, L. O. ; SILVA. F. A. Multiculturalismo: um desafio para o educador. **Revista eletrônica-ICE**, vol. 5, n. 1, nov 2011. Disponível em: <<http://www.ice.edu.br/TNX/.../11/.../f6f7ad43f4059ef34b0a6b1c080dfb6e.pdf>>. Acesso em: 18/01/2018.

RODRIGUES, Wallace. Desconstruindo Discursos de Diferença na Escola. In: **Educação & Realidade**. UFRGS, Porto Alegre, v. 42, n. 2, pág. 687-706, abr./jun. 2017.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. IN: **Educação anto-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Pág. 105 a 120.

NASCIMENTO, Olindina Serafim. **Proposta de educação quilombola para as escolas das comunidades quilombolas do Sapê do Norte**. 2009. Disponível em: <[http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2009/271.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2009/271.pdf)>, acesso em 27/01/2018.

OLIVEIRA, Gerson Alves de. **Quilombolas do norte do Tocantins: O sentido e o lugar de uma experiência**. UNESP Marília, 2015. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/iseminariointernacionalpos-graduacaoemcienciassociais/4---gerson-alves-de-oliveira.pdf>>, acesso em 27/01/2018.

QUILOMBOLA, José Carlos. Postagem de 21 de novembro de 2017 no blog **Comunidade Quilombola de Cocalinho**. Disponível em: <<http://quilombococalinho.blogspot.com.br/>>, acesso em 27/01/2018.